

**JOGOS OLÍMPICOS DA ANTIGUIDADE – COMPREENDENDO A HEGEMONIA
ESPARTANA NO PERÍODO ARCAICO GREGO**

Fabiano Basso¹

RESUMO: Nos Jogos Olímpicos da Antiguidade um fato chama a atenção: o maior número de campeões era proveniente de Esparta. Com base teórica na História Cultural este estudo busca compreender a apropriação de práticas culturais que podem justificar a hegemonia espartana nos Jogos Olímpicos no período Arcaico grego. As principais fontes consultadas foram: Aristóteles, Eusébios, Heródoto, Plutarco, Pausânias, Platão e Tirteu. A análise das fontes sugere uma apropriação de práticas culturais espartanas conseqüentes da influência de dois personagens: Licurgo e Tirteu. As principais práticas culturais identificadas foram: *Eugenia*, *Agoge* e *Kripteia* e, *Syskania* e *Syssitia*. Os resultados sugerem que o campeão olímpico de Esparta era forjado, não era nascido pronto, ou seja, somente pela sua perseverança e constância podia apropriar-se de diferentes práticas culturais que o tornava diferenciado de outros competidores.

Palavras-chave: *Jogos Olímpicos, Esparta, Grécia Antiga.*

**ANCIENT OLYMPIC GAMES – UNDERSTANDING THE SPARTAN HEGEMONY IN THE ARCHAIC
GREEK PERIOD**

ABSTRACT: *In the Ancient Olympic Games a fact may be underlined: the majority of Olympic champions were from Sparta. According to Cultural History, this study aimed to understand the cultural practices appropriation which can justify the Spartan hegemony in the Olympic Games during the Archaic Greek period. Aristoteles, Eusebios, Herodoto, Plutarco, Pausanias, Plato and Tirteus were the main resources used in this study. The resources analysis suggests an appropriation of Spartan cultural practices through influence of two characters: Licurgo e Tirteus. The main cultural practices identified were the following: Eugenia, Agoge and Kripteia, Syskania and Syssitia. The results indicate that Olympic Champion of Sparta was built instead of being born. He could appropriate of different cultural practices as a consequence of his perseverance and constancy and this attitude can justify the difference among the competitors.*

Key words: *Olympic Games, Sparta, Ancient Greece.*

¹ Instituição/Afiliação: Universidade Federal do Espírito Santo

INTRODUÇÃO

APRESENTANDO O TEMA

Os Festivais Pan-Helênicos eram uma das principais manifestações culturais da antiga Grécia. Entre seus diversos eventos estavam os Jogos de Olímpia. Neles, os atletas vencedores eram tidos como grandes heróis. Estes campeões, conhecidos como olímpionicos, vinham de diferentes *pólis*² do mundo helênico. Neste contexto, ao observar-se a lista feita por Eusébios, um fato chama a atenção: o maior número de atletas campeões desses jogos era proveniente de Esparta. Segundo Eusébios³ ([s/d]), de 776 a.C. a 500 a.C. foram 81 vitórias em Jogos Olímpicos, sendo 29 espartanas. Já Yalouris (2004) indica 46 vitórias espartanas em um total de 153 vitórias.

A história de Esparta permite identificar muitos aspectos que podem justificar tal feito. Entretanto, é a partir de Licurgo (século VII a.C.) que esta história encontra seu principal capítulo. Desde as Leis propostas por este líder espartano, a história de Esparta toma um novo caminho (JAEGER, 1995).

A partir deste contexto, o objetivo deste estudo foi compreender a apropriação de práticas culturais que podem justificar a hegemonia espartana nos Jogos Olímpicos no período Arcaico grego. Buscando atender a este objetivo, foram levantadas as seguintes questões norteadoras: Que contextos históricos podem ter influenciado na caracterização da cultura Espartana no período Arcaico grego? Quais as principais práticas culturais identificadas em Esparta no período Arcaico grego? Como se deu a hegemonia Espartana nos Jogos Olímpicos no período Arcaico grego?

A escolha do período Arcaico grego como recorte temporal desse estudo se dá em virtude de que, nesse período, foi identificada a maior concentração de vitórias dos espartanos nos Jogos Olímpicos da Antiguidade.

No âmbito dos Estudos Olímpicos, as pesquisas históricas têm priorizado a análise dos Jogos Olímpicos da Antiguidade enquanto eventos competitivos e de festividades entre as *pólis* da antiga Grécia. Nesse sentido busca-se outro olhar ao focar a cultura do homem espartano e as possíveis relações com a incidência de campeões olímpicos na Antiguidade. Assim, foi realizada uma pesquisa histórica de método bibliográfico. Através desse método desenvolveu-se o estudo através da categorização dos elementos culturais de Esparta,

² Cidades-Estado.

³ Outra fonte do mesmo autor: <<http://rbedrosian.com/euseb11.htm>>, traduzido por Roger Pearse.

identificados a partir da análise de conteúdo, como proposta em Bardin (2000). As fontes primárias se baseiam em obras de autores como: Aristóteles, Eusébios, Heródoto, Plutarco, Pausânias, Platão e Tírteu. As principais fontes secundárias são Toynbee, Finley, Pressfield, Cartledge, Jaeger e Moura.

A CULTURA ESPARTANA NA ANTIGUIDADE

O ponto inicial estabelecido para um melhor entendimento acerca da cultura espartana é a contextualização histórica desta cidade na Antiga Grécia.

Esparta era situada no extremo norte do planalto central da Lacônia, no Rio Eurotas. Ela comandou a única rota terrestre na Lacônia, bem como os dois principais vales de Arcádia, ao norte e ao passar sobre Monte Taigeto levando a Messênia, a tradição que a cidade foi fundada por Lacedaemon⁴, um filho de Zeus. Os espartanos, de origem dos Dórios, chegaram ao Peloponeso pelo vale Eurotas para fundar a sua capital no ponto sul. Desde o início – século XII a.C., tendo conquistado os povos nativos do vale Eurotas, os Espartanos. O foco principal da comunidade era sobre o uso da guerra para a autopreservação e da dominação de outros. Ao contrário de outras cidades, que satisfizeram a sua fome de terra através da exportação da população para novas cidades coloniais entre os não-nativos gregos, os Espartanos atacaram, subjugararam ou escravizaram os seus colegas vizinhos de grego no sul do Peloponeso (BRADFORD, 2004; CARTLEDGE, 2004; CARTLEDGE, 2002).

Em meio a esta época conturbada, surge um homem que historicamente representa os marcos legislativo-organizacional e político-moral de Esparta: Licurgo. Jaeger (1995) sugere que este importante personagem tenha vivido no século XII a.C. Diferentemente desta fonte, Cartledge (2004) considera que as reformas atribuídas a Licurgo são remanescentes da data de 650 a.C.. E Plutarco⁵ expõe várias probabilidades da época histórica de Licurgo. Plutarco⁶ conta que após a morte de seu irmão, Polidectes (rei espartano), Licurgo assumiu o trono até que se manifestou a gravidez da cunhada. Apenas percebeu, declarou que o reino pertencia à criança, se nascesse homem; ele exercia o poder como seu curador.

Após oito meses o nascimento do seu sobrinho (Carlilau) surge uma conspiração de troca de poder, Licurgo declinou do cargo se lançando a uma série de viagens. Creta foi sua primeira parada, lá “inteirou-se das instituições políticas locais e travou conhecimento com

⁴ PAUSANIAS. *Description of Greece. Book V. Laconia*. I, 2.

⁵ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 1. 23.

⁶ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 1. 3. / ARISTÓTELES. *A Política*. Cap.7.1

homens da mais alta reputação. Algumas leis lhe agradaram; adotou-as para levá-las para seu país e pô-las em vigor”.⁷ Depois passou pela Ásia, Líbia, Ibéria e Egito. Os espartanos, não satisfeitos com o governo de Carlilau, chamaram Licurgo. Este voltou e encontrou Esparta se manifestando em um ambiente minado de disputa pelo poder, percebendo isso, Licurgo conclui que uma legislação parcial não seria o bastante. Tomou a cabo de validar uma nova legislação indo até o oráculo de Apolo (Deus que representava o Espírito do Sol), em Delfos. Lá a Pitonisa, sacerdotisa do Fogo Sagrado de Apolo, saudou Licurgo e através das ordens do Deus lhe transmitiu a nova legislação, *Rethra*⁸ que: “[...] delimita os direitos do povo em face do poder do rei e do conselho dos velhos”. (JAEGER, 1995, p. 125).

Outra contribuição histórica de Licurgo foi seu protagonismo no acordo da Trégua Olímpica, a *Ekekhiria* (PAUSÂNIAS⁹; PLUTARCO¹⁰; COUSINEAU, 2000). Pacto realizado juntamente com Ífito, rei de Elis e com Clistene, rei de Pisa, para assegurar que não haveria ataques nos caminhos que guiavam até Olímpia e posse de armas no Santuário. Desta forma: peregrinos, espectadores, atletas e treinadores poderiam viajar com segurança e conviver pacificamente em Olímpia.

Entre as diferentes consequências sócio-políticas provocadas pelas *Rethra* de Licurgo, vale referir que Esparta alcançou um governo estabilizado que nunca foi vítima de um tirano¹¹. Porém, diferente do que muitos pensam Esparta não só inspirou e provocou medo na antiga Grécia na questão bélica, mas também na questão político-filosófica. A primeira mudança perceptível das leis de Licurgo se deu em relação à educação. Entre todas as *pólis* da antiga Grécia, Esparta foi a primeira a ter a educação de seus cidadãos como função primordial e vinculada ao Estado. Jaeger (1995) justifica esta afirmativa ao referir:

É o princípio da educação como função pública que constitui a verdadeira contribuição de Esparta para a história da cultura, contribuição cuja importância é impossível exagerar (p. 1236).

Esparta tem de pleno direito, um lugar na história da educação. A criação mais característica de Esparta é o seu Estado, e o Estado representa aqui, pela primeira vez, uma força educadora no mais vasto sentido da palavra (p. 108).

Platão¹² ficou instigado com a *pólis* Espartana. Muitos traços do Estado platônico são diretamente ‘retirados’ do modelo espartano ou revelam-se como instituições espartanas

⁷ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 1. 3.

⁸ O significado etimológico desta expressão relaciona-se ao sentido do verbo ‘dizer’. (PALMA, 2005).

⁹ PAUSANIAS. *Description of Greece. Book V. Elis* 1.IV.5.

¹⁰ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 1.

¹¹ TUCÍDIDES. *Guerra do Peloponeso*. I.18.

¹² PLATÃO. *República*. 544 c; 545 b; 599 e. / PLATÃO. *Leis*. 692 d; 693 a.

transpostas pelo filósofo para uma forma superior espiritualizada, segundo Jaeger (1995, p. 1304):

É certo que na República mal se fomenta a Esparta histórica, a propósito da edificação do Estado perfeito; é que Platão move-se ali totalmente no reino ideal. Mas, na série das constituições degeneradas, a timocracia espartana figura como o tipo de constituição da realidade empírica que mais se aproxima do ideal. [...] Facilmente se poderia pensar, em face deste procedimento, que é relativamente curto o passo que vai da concepção espartana à ideia platônica do Estado.

Durántez (1975) refere que apenas em Esparta o Estado assumia a obrigação de educar as crianças. Nas demais *pólis* helênicas a educação dos cidadãos era executada no ‘seio’ da própria família. Jaeger (1995) afirma que uma questão singular da educação espartana era sua forte relação militar, tendo como objetivo formar soldados-cidadãos prontos ao serviço do Estado espartano, envoltos por uma formação política e moral no sentido mais amplo. Esta singularidade educacional causou admiração e receio das outras *pólis* para com Esparta.

Além do mais, na opinião de Jaeger (1995, p. 1232), Platão:

Admira unicamente a coerência com que a ideia normativa penetra em Esparta todas as esferas da vida civil, bem como a consciência da importância da educação para a estruturação do espírito coletivo.

Licurgo, lembrado por Plutarco¹³, considerava a educação a incumbência mais importante e mais bela do legislador. Assim, Licurgo estimulou a vida em comunidade amenizando a vida pessoal e buscando “prosperidade na vida de uma nação inteira, como na de um indivíduo, procede da virtude e da concórdia interna”.¹⁴

Historicamente, é no período Clássico¹⁵ que Esparta conquista a sua hegemonia político-bélica (Guerra do Peloponeso). Porém, é constatado que essa hegemonia tem suas bases fixadas nas *Rethra* de Licurgo, pois sua estrutura legislativa favoreceu seu poder. Segundo Heródoto¹⁶ os espartanos eram de todos os gregos, os que mais sofriam com as piores leis, até que se estabeleceram as reformas de Licurgo, sendo este o responsável pela boa ordem social.

Outro grande personagem da história espartana foi Tirteu (século VII a.C.), que pôde, através de sua obra, ter contribuído para o fortalecimento deste ‘espírito’ espartano. Para Jaeger (1995, p. 115): “Tirteu é [...] o primeiro testemunho do ideal político e guerreiro que teve mais tarde a sua realização na totalidade da educação espartana”. A leitura dos poemas

¹³ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 14.

¹⁴ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 31.

¹⁵ Segundo Finley (1988) este período ocorreu nos séculos V e IV a.C.

¹⁶ HERÓDOTO. *História*. 1, 65.

de Tirteu demonstra que, para Esparta, só existe *arete* na vida guerreira. Nos versos do poeta identificam-se aquelas excelências e dotes prezados nos poemas homéricos: habilidades atléticas, porte gracioso, riqueza, poder, eloquência, glória e afirma que nenhuma delas tem valor na ausência da coragem guerreira. Platão¹⁷, reforça a importância histórica de Tirteu para o estímulo da prática da *arete*.

Estes são exemplos eminentes da *arete* agônica, que os cavaleiros, desde os tempos de Homero, valorizavam acima de tudo e que, em consequência dos Jogos Olímpicos, tinham sido considerados na última centúria como a mais alta medida na realização humana, mesmo para os lutadores não nobres. Tirteu (s/d apud JAEGER, 1995, p. 121) refere ainda outras virtudes da antiga aristocracia:

E ainda que [...] tivesse todas as glórias do mundo, mas não possuísse o valor guerreiro, não quereria honrá-lo. Não dará boas provas de si na luta se não for capaz de encarar a morte sangrenta na peleja e de lutar corpo-a-corpo com o adversário. Isto é *arete*, este é título mais alto e mais glorioso que um jovem pode alcançar entre os homens. É bom para a comunidade, para a cidade e para o povo que o homem se mantenha com pé firme frente aos combatentes e afaste da sua cabeça qualquer ideia de fuga.

A educação espartana foi um dos pontos primordiais da cultura deste povo. Porém, as informações coletadas transpassam aos aspectos educacionais tangenciando costumes e práticas singulares em Esparta.

A partir deste contexto histórico-cultural de Esparta, apresenta-se a seguir as principais práticas culturais de Esparta que podem estar relacionadas com a hegemonia espartana nos Jogos Olímpicos no período Arcaico grego.

AGÔN E ARETE – DUAS PEÇAS FUNDAMENTAIS DA ‘ENGRENAGEM’ DA CULTURA GREGA

Apesar de a Grécia Arcaica ser constituída por diferentes *pólis*, havia três elementos que caracterizavam os Helenos neste período: a Religião; a Língua e seus dialetos e; o *agôn* e a *arete*.

Desde estes pressupostos, pode-se dizer que esta foi uma fase histórica para a formação das *pólis*, disputas territoriais e econômicas, o que representou um palco para muitas guerras.

É justamente na *Ilíada*, que o termo *agôn* surge explícito. Derivando do termo *agônistikê*, que significa luta, disputa atlética, e prende-se a *agôn*, ‘assembleia, reunião’ e, em

¹⁷ PLATÃO. *Leis*.I, 629 a-e.

seguida, ‘reunião dos helenos para os grandes jogos nacionais’, os próprios jogos, os concursos, as disputas (BRANDÃO, 1999 apud RUBIO, 2001).

Assim, pode-se entender que o *agôn* era um culto heroico, uma extensão do heroísmo identificado nos campos de batalha e fora também. Nesta perspectiva, nem sempre uma disputa consistia na eliminação do adversário (VIDAL-NAQUET, 2002).

Culturalmente, o *agôn* pode ser entendido como o próprio espírito de competição. E este espírito teria sido um dos grandes responsáveis pela formação da cultura grega, em todas suas manifestações. Era através do *agôn* que os helenos buscavam praticar e manifestar sua excelência em todas as áreas, pois acreditavam que esta era uma forma de estar em contato com os deuses.

Apesar de não conduzir a antiga Grécia para uma unidade política, foi nos Festivais de Olímpia, que o sentido do *agôn* alcançou algo mais importante: a aceitação geral e a cristalização das características comuns do espírito helênico (DURÁNTEZ, 1975; YALOURIS, 2004; COUSINEAU, 2004).

A ideia do *agôn* se encaixa para um conjunto de sociedades (no caso helênicas), já a expressão *arete* se insere na perspectiva da individualidade. A *arete* segundo Brandão (1999 apud RUBIO, 2002, p. 43) é a:

Expressão daquilo que se poderia definir como excelência ou superioridade que se revelam particularmente no campo de batalha e nas assembleias, por meio da arte da palavra. A *arete*, no entanto é uma outorga de Zeus: É diminuída, quando se cai na escravatura, ou é severamente castigada, quando o herói comete uma *hýbris*, uma violência, um excesso ultrapassando sua medida, *métron*, desejando igualar-se aos deuses. Consequência lógica da *arete* é a *time*, a honra que se preza ao valor do herói. Que se constituí na mais alta compensação do guerreiro. É a *dike*, a justiça, que não permite crescer a *hýbris* ou o descomedimento.

“Os Gregos entendiam por *arete* sobretudo uma força, uma capacidade. Às vezes definem-na diretamente. Vigor e saúde são a *arete* do corpo; sagacidade e penetração, a *arete* do espírito” (TÜBINGEN, 1949 apud JAEGER, 1995, p. 26).

Para Jaeger (1995, p. 30): “Intimamente ligada à *arete* está a honra.” Neste sentido a honra é a grande expressão da *arete*¹⁸. É nela que está fundamentado o caráter aristocrático do ideal de formação dos gregos. Em sua forma mais pura a *arete* concentra o ideal de educação dessa época. O autor ainda sugere que ela está ligada à virtude e tem sua raiz no chamado ‘Ideal Cavaleiresco’. Destacando que na visão de Homero a *arete* designa o heroísmo moral ligado a força e agilidade. Vale destacar ainda que o *agôn* pode se entender como uma prática que se manifesta na soma das *aretas*.

¹⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Cap. 7, 1123 b 35.

AS PRÁTICAS CULTURAIS ESPARTANAS

O horizonte teórico trabalhado por Chartier (2000) tem o termo ‘cultura’ (ou as diversas formações culturais) trabalhado no âmbito da relação interativa entre as noções de ‘representações’ e ‘práticas’. Assim as ‘práticas’ geram ‘representações’ e, as suas ‘representações’ geram ‘práticas’, em um emaranhado no qual não é possível distinguir se o começo está em determinadas ‘práticas’ ou em determinadas ‘representações’. Pensando desta forma, este estudo apresenta cinco práticas culturais que podem estar associadas à hegemonia de Esparta nos Jogos Olímpicos.

A Eugenia

A educação espartana começava pelos progenitores das crianças. A mãe e pai eram servidores fiéis da *pólis* e tinham, necessariamente, corpos saudáveis e bem formados. Miller (1991), Xenofonte¹⁹, Vrissimtzis (2002) e Cartledge (2004) acrescentam que Licurgo ordenou que o sexo feminino exercitasse seu corpo não menos que o masculino; e, além disso, instituiu concursos de habilidade e força entre as mulheres, igual aos realizados entre os homens, na ideia de que pais e mães fortes geram, igualmente, filhos mais vigorosos.

A *Eugenia*²⁰ provocada por Licurgo fez com que os casais se formassem e se mantivessem unidos com a intenção de cumprir com aquilo que seria melhor para o Estado. Mesmo o marido idoso ou estéril poderia permitir que sua esposa tivesse relações com um homem mais moço, visando também, gerar filhos saudáveis que viessem a servir ao Estado.

Por fim, Plutarco²¹ e Pressfield (2001) revelam que de acordo com as *Rethra* expostas por Licurgo, os filhos pertenciam ao Estado e aos deuses e não aos pais. Esta afirmativa reforça a ideia que os filhos deveriam então ser gerados pelos melhores progenitores. Logo, o desejo de ter um filho ou filha, por mera inclinação pessoal era afastado da cultura dos lacedemônios²².

Outro fato a ser considerado é que todos os homens e todas as mulheres eram tidos como pais e mães da criança recém-nascida, porém as noções primordiais da identidade cultural espartana eram recebidas de suas mães biológicas. Licurgo trouxe mais uma etapa de provação das jovens vidas que nasciam no território dos herdeiros de Hércules. Segundo

¹⁹ XENOFONTE. *La republica de los lacedemônios*. I.4.

²⁰ A *Eugenia* é um termo criado por Francis Galton (1822-1911), que a definiu como o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente.

²¹ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 15.

²² Habitantes da Lacedemônia. Região localizada ao sul da Grécia, no vale do rio Eurotas.

Plutarco²³ e Vrissimtzis (2002) as crianças já eram selecionadas antes de nascer e o recém-nascido era levado para um local denominado *Lesque*, onde era examinado pelos mais velhos da tribo. Caso não fosse uma criança saudável, deveria ser sacrificada no Monte Taygetos. Outra expressão do princípio de *eugenia* dos Espartanos é que o próprio estado era encarregado de fazê-lo embora por diferentes motivos.

Kagan (2006) resume o Estado *Eugenista* na Antiga Esparta em: matar bebês imperfeitos; separar homens e mulheres nos anos mais férteis para garantir um controle da natalidade eficiente; exigir o estrito cumprimento cujo código de honra exigia que os soldados preferissem a morte à desonra; e promover o casamento dos membros das castas mais importantes apenas entre si.

Tsoulogiannis e Spandidos (2007) apoiando-se nas informações relatadas em Pausânias ([s/d]) realizaram um estudo sobre a *Agnus Castus*, uma planta relacionada diretamente à mentalidade eugenista espartana. Os autores constataram os efeitos de *Agnus Castus* e as capacidades reguladoras que ela tinha sobre o corpo humano. De fato, esta planta foi usada para muitas doenças do corpo humano. Em geral, considera-se que esta planta foi usada para tratar desordens hormonais femininas, ou seja, servia como um modulador hormonal.

Agoge e Kripteia

A criança após o nascimento, se considerada sadia, seria educada pela mãe biológica até os sete anos de idade. Ao completar sete anos iria para a *Agoge* (escola de formação), ficando até seus vinte anos de idade.

Licurgo, separava os meninos dos 7 aos 17 anos (*paides* ou “meninos”), que aprendiam a dançar e cantar, de outro grupo dos 18 aos 19 anos (*paidiskoi* ou “meninos mais velhos”), cujo treinamento incluía técnicas de sobrevivência. (CARTLEDGE, 2002, p.192).

Segundo Plutarco²⁴ os meninos recém-chegados iriam ter um chefe, o *eirene*. Deveriam obedecer a suas ordens e submeter-se aos seus castigos. A educação era um exercício de obediência. Dentro da *Agoge* existiam níveis para o jovem espartano chegar aos catorze anos, os adolescentes ingressavam na classe dos *eirenes* (RUIZ, 2006). O rigor na educação era reforçado. Intensificam-se as privações e inclemências a que vinham sendo submetidos. Os guerreiros que os instruíam exerciam um controle quase absoluto sobre eles, e podiam aplicar-lhes torturas físicas e mentais para endurecê-los. Ademais, lhes era ensinado a

²³ PLUTARCO. Vidas. *Licurgo*. 16.

²⁴ PLUTARCO. Vidas. *Licurgo*. 17.

expressarem suas ideias e desejos da forma mais breve possível, como afirma Platão²⁵. Pausânias²⁶ descreve outra prática integrada ao *Agoge*. A juventude usualmente lutava em um lugar chamado *Platanistas* (Bosque de Árvore plana), local rodeado de um fosso como uma ilha no mar; no qual a entrada era dada por pontes. Cada uma das extremidades das pontes suportava imagens; em um lado uma imagem de Hércules, no outro uma semelhança de Licurgo. As lutas aconteciam entre grupos escolhidos pelos próprios jovens, em um Santuário chamado *Phoebaeum*. Na luta eles usavam suas mãos, pontapés, mordida, podendo, até mesmo, arrancar fora os olhos dos seus oponentes. De uma maneira que incentive longa participação, testa uma disposição de virtudes marciais: destreza, ousadia, coragem, autoconfiança e perseverança (POLIAKOFF, 1988).

Aos vinte anos, os que haviam superado os graus do *Agoge*, obtinham o equipamento completo de *hoplita*, ingressavam nos *syssitia* e passavam a formar parte da comunidade dos guerreiros. A partir deste momento, deviam, também, participar no treinamento das gerações mais jovens.

Para Xenofonte²⁷ e Moura (2000), Licurgo instituiu uma série de normas de comportamento para os *efebos*²⁸, como, os garotos deveriam andar descalços, pois deste modo se exercitavam, muito mais facilmente escalariam as alturas, e com maior segurança baixariam as pendentes, e saltariam e brincariam o mesmo em distância que em altura com maior rapidez.

Os garotos deveriam acostumar-se a levar um manto em qualquer época do ano, considerando que assim estariam mais bem dispostos a enfrentar tanto o frio como o calor. Deveriam caminhar nas ruas em silêncio com as mãos dentro do manto, sem dirigir o olhar até nenhum lugar, somente olhando o solo o que tinham ante os seus próprios pés. Quanto à alimentação, Licurgo ordenou que nas excursões fosse disposta a cada *eirene* uma quantidade tal, para que conhecessem o que é passar necessidades; porque acreditava que aqueles assim educados suportariam melhor a falta de víveres e resistiriam durante mais tempo com a mesma razão.

Xenofonte²⁹ e Plutarco³⁰ destacam que depois de um dia de forte treinamento os meninos eram incitados a roubar a sua própria comida. Desta forma aprendiam a atacar a quem dormia ou afrouxava a vigilância. Quem era apanhado tinha como castigo uma surra e a

²⁵ PLATÃO. *Protágoras*. 342 a-e. / PLATÃO. *Alcebiades II*. 148 b-e; 149 a-c.

²⁶ PAUSANIAS. *Description of Greece. Book III. Laconia*. XIV. 8.

²⁷ XENOFONTE. *La republica de los lacedemônios*. II. 3.

²⁸ Jovens que eram educados dentro do *Agoge*.

²⁹ XENOFONTE. *La republica de los lacedemônios*. II.7.

³⁰ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 17.

fome. Assim, a comida escassa forçava o desenvolvimento da audácia e da astúcia, no sentido de evitar por seus próprios meios a penúria. Por outro lado, os castigos eram considerados rituais para fortalecer a carne, suportar a dor e controlar o medo³¹. Um guerreiro que tinha isso por cotidiano, não se aterrorizaria com nenhuma batalha a céu aberto. Segundo Pressfield (2001), no ritual da chibatada o menino deveria se agarrar em uma barra de ferro presa entre duas árvores e ser açoitado pelos *eirenes*, que se revezavam durante a tarefa. Teoricamente esta provação seria encerrada somente quando o menino desmaiasse. Cartledge (2004) acrescenta dizendo que os espartanos construíram um anfiteatro semicircular dentro do santuário antiquíssimo de Artemis Orthia. Uma vez integrados ao *Agoge*, os jovens realizavam a prática do *diamastigôsis*, onde eram fustigados em frente do altar de Artemis.

Este aspecto da educação espartana foi identificado também como *Kripteia*, mais uma estratégia de formação de caráter de jovens oficiais espartanos. Platão³² ao citar Megilo (o lacedemônio)³³, menciona sobre a *Kripteia*:

O treinamento é largamente difundido entre nós, envolvendo rigorosa resistência a dor, por meio tanto de concursos de pugilato quanto furtos realizados sempre sob risco de uma boa surra; além disso, a *criptéia*³⁴, como é chamada, proporciona um maravilhoso treinamento de resistência, havendo em pleno inverno a marcha de pés nus, o dormir sobre solo duro e a ausência de auxílio dos serviçais, os homens cuidando de si, e as viagens errantes noite e dia por toda a região. Ademais, em nossos jogos experimentados severos testes de resistência quando homens nus resistem à violência do calor, e outros em tão elevado número que menção minuciosa seria infundável.

Plutarco³⁵ duvidou da existência da *Kripteia* como uma instituição de Licurgo. Mas ele mesmo cita que Platão e Aristóteles confirmavam esta hipótese. Também suas afirmações nos levam a identificar que a *Kripteia* seria uma instituição de serviço secreto de Esparta. Selecionando os melhores oficiais na flor da idade para terem uma formação de caráter especial, e possivelmente serem indicados para participarem nos Jogos Olímpicos.

Xenofonte³⁶ explica também a responsabilidade de um oficial do Estado espartano responsável pela manutenção dos bons costumes dos *efebos*, o *paidonomos* o qual era um dos responsáveis pelo ritual da chibatada. Segundo Barrow (1976) o *paidonomos* era aquele que

³¹ Os espartanos tinham a ciência da *Phobologia*, a qual ensinava os meios e as regiões do corpo em que o medo interfere e como lidar com ele.

³² PLATÃO. *Leis*. I, 633 b-d.

³³ Personagem fictício no diálogo realizado no livro 'As Leis' de Platão.

³⁴ Manter-se escondido, conservar-se em emboscada, ocultar-se, esconder-se para subtrair olhares. A *Kripteia* era um exercício de treinamento guerreiro ao quais jovens soldados espartanos se mantinham em emboscada para o caso da necessidade de sufocar rebeliões dos *hilotas* (camponeses).

³⁵ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 28.

³⁶ XENOFONTE. *La republica de los lacedemônios*. II,2.

em toda a cidade de Esparta supervisionaria a educação. Como não era possível prestar atenção adequada a todas as crianças que habitavam a *pólis*, este supervisor era auxiliado em suas atividades por jovens funcionários munidos de chicotes, os *eirenes*. Cartledge (2004) expõe que a gerência do *Agoge*, no conjunto, esteve presumivelmente nas mãos do *Paidonomos*. Esta foi uma ‘criação’ dos *Eforos* ('Inspetores'), uma espécie de conselho composto de cinco funcionários, eleito anualmente, que representava o poder executivo principal no estado dos espartanos, ao lado e, em alguns casos, por cima dos dois reis.

Syskania e Sysstitia

Outra instituição, possivelmente, ligada à formação do cidadão espartano, era a *Syskania*. Para Cartledge (2002) e Barrow (1976), todos os espartanos de sexo masculino pertenciam a *Syskania*, um acampamento onde pequenos grupos viviam em barracas comunais entre os doze e trinta anos de idade, mesmo depois de casados, e se encontravam para realizar banquetes em comunidade (CARTLEDGE, 2002).

Dentro desta mesma ideia ‘comunitária’, paralelamente ao *Agoge* e a *Syskania*, existia a chamada *Sysstitia*, que eram banquetes em comum onde os meninos participavam.

Plutarco³⁷ comenta que estes meninos presenciavam discussões políticas. Eram submetidos também a chacotas dos mais velhos e deveriam permanecer mudos. Plutarco³⁸ diz que as doações de comida dos espartanos com destino à *Sysstitia* além de cevada, tinham que aportar vinho, queijo e figos. Já Kagan (2006) afirma que os espartanos se alimentavam em refeições coletivas com outros quatorze companheiros com uma comida simples, normalmente uma sopa escura que deixava os outros gregos horrorizados.

Segundo Pressfield (2001) os meninos não deveriam se abater com os insultos, fortalecendo assim o seu espírito guerreiro. O mesmo autor afirma que apesar da rigidez do sistema, havia limites. O jovem espartano educando não poderia ser totalmente humilhado. Xenofonte³⁹ também nos elucida sobre as *Sysstitias* que eram instituídas para que deste modo não pudesse ser facilmente transgredir as ordens. Com a comida racionada para evitar os excessos e brindes descartados, eles apenas se nutriam do necessário. Nestas situações, os jovens eram instruídos pela experiência dos anciãos. Todos deveriam voltar às suas casas andando sem a posse da tocha (no escuro) e procurando não tropeçar por causa do vinho. Oliva (1983) acrescenta que todos os garotos que estavam presentes na *Sysstitia* eram iguais.

³⁷ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 12.

³⁸ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 12.

³⁹ XENOFONTE. *La republica de los lacedemônios*. V. 3-7.

Não havia distinção entre um pobre e um nobre. Há evidências de outras iniciativas similares à *Syssitia* em várias cidades gregas. Aristóteles⁴⁰ escreveu que em Creta as mesas comuns tinham o nome de *andreia*, termo usado em Esparta nos chamados ‘velhos dias’ até que surgisse o termo *phiditia*. A diferença entre a mesa comum em Creta e em Esparta era que nesta última, cada cidadão pagava seus próprios gastos na mesa, enquanto que em Creta o pagamento se dava por conta dos fundos públicos.

Kiechle (1963 apud OLIVA, 1983) deduz que a *Syssitia* no final do século VII a.C. foi chamada de *phiditia*, e acredita que não apenas mudou de nome, mas também a natureza da mesa comum. Os custos já não eram obtidos dos produtos de terras comuns, cada espartano se via então obrigado a pagar sua parte com o produto de seus próprios lotes de terra.

Este sistema educacional e moral era um costume de muitos povos guerreiros, instigando as virtudes do jovem *efebo*. Porém, a formação educacional dos *efebos* não se baseava apenas nisso. Plutarco⁴¹ afirma que depois do jantar o *eirene* deveria escolher um menino e lhe fazer uma pergunta que requeria alguma resposta refletida. Caso a criança interrogada não soubesse responder, era tida como alguém sem virtude. Esta criança deveria ser castigada pelo *eirene*.

Como se pode perceber, todo processo educacional espartano estava voltado para um rígido sistema de formação que pode estar associado com o sucesso no esporte, já que a formação de um atleta campeão também se caracteriza pelo rigor e disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo histórico bibliográfico abrangeu um período aproximado de 200 anos, exigindo cuidado quanto às generalizações, em especial, por tratar-se de uma sociedade tão remota.

Entretanto, considera-se que o conjunto de elementos abarcados neste trabalho permite algumas considerações que ajudam a atender a proposta formalizada no objetivo desta pesquisa: compreender a apropriação de práticas culturais que podem justificar a hegemonia espartana nos Jogos Olímpicos no período Arcaico grego.

A análise das fontes sugere uma apropriação de práticas culturais consequente da influência de dois personagens: Licurgo e Tirteu (ambos viveram justamente no período Arcaico grego). Esta afirmativa responde a primeira questão norteadora do estudo, já que

⁴⁰ ARISTÓTELES. *A Política*. Livro II. Cap.VII. 3.

⁴¹ PLUTARCO. *Vidas. Licurgo*. 18.

envolve fatos históricos que influenciaram na caracterização da cultura Espartana. O primeiro estabeleceu um estado de ‘ordem’, baseado em leis que tiveram grande repercussão político-social e na configuração original da ideia de cidadania. Já o segundo, pode ser considerado o ‘ideólogo’ do Estado espartano, pois nele encontramos expresso o principal valor de Esparta: a coragem.

Em relação à segunda questão norteadora, relacionada às principais práticas culturais⁴² identificadas em Esparta, apresenta-se a seguir o *corpus* das categorias de análise (*Eugenia*, *Agoge* e *Kripteia* e, *Syskania* e *Syssitia*):

A *eugenia* espartana vista como estimulação do Estado para que os progenitores estivessem com saúde e alto vigor físico (*Arete*), utilizando-se até de meios que pudessem manipular sua fertilidade (*Agnus castus*); e a seleção de suas crianças fortes e sadias para suportar a rígida formação, pois sendo fracas ou deficientes, em longo prazo, poderiam morrer nos duros treinamentos. Nestes casos, a fim de evitar o sofrimento destas, tiravam-lhes a vida.

O *Agoge* como escola de formação cívico-militar era o eixo da educação dos jovens espartanos, pois abrangia o duro treinamento militar e dedicação integral, práticas atléticas relacionadas às guerras, caças, lutas sem regras e a dança.

Já a instituição de serviço militar secreta denominada *Kripteia* reunia os melhores jovens (vigor físico, eficácia nos campos de batalha e moral) oficiais do Estado, seu treinamento de resistência à dor não deveria ser uma adversidade limitante, era encarada com naturalidade, pois a concentração e o espírito não poderiam ser prejudicados. Assim, estes oficiais, graças a estas provações, já eram naturalmente favorecidos em disputa com os demais competidores de outras cidades, já que, como se sabe até hoje a dor em atletas de alto nível é presença constante nos treinamentos e competições.

A *Syskania*, ou moradias comunitárias, era um acampamento onde os homens espartanos desenvolviam o senso de coletividade e cidadania. Tamaña importância era dada para o aspecto da união, que muitos homens, mesmo depois de casados, continuavam morando nestes acampamentos com seus companheiros. Todos permaneciam juntos e estariam juntos para servir o Estado no que fosse preciso. Isso também incluía os Jogos Olímpicos. Juntos os jovens fortaleciam sua bravura, sempre dispostos a colocá-la em prática para honrar o Estado.

Já o banquete comunitário, denominado *Syssitia*, onde os mais jovens tinham suas virtudes testadas e postas em prova pelos mais velhos, visava também aperfeiçoar a

⁴² Cabe ressaltar que este trabalho enfoca as práticas culturais espartanas, sendo estas singulares em relação às de outras *pólis* da antiga Grécia.

concentração e a disciplina, aspectos importantes durante uma batalha. Este evento, onde o autocontrole era constantemente exigido, não só pode ter gerado bons combatentes, mas, provavelmente pode ter contribuído para a formação de campeões olímpicos.

Pode-se inferir então, que estas práticas culturais singulares em Esparta teriam consequência nos Jogos Olímpicos, já que o vencedor era tido como um ‘herói’. O interessante é que no caso de Esparta, o indivíduo ‘desaparecia’ diante do ideal coletivo, por consequência, não se tratava de formar o herói, mas sim uma cidade de heróis.

Além do prestígio social o olímpico espartano, por muitas vezes, participava das competições para poder estar ao lado do seu rei na primeira fileira dentre as *promachoi* (as fileiras da vanguarda) numa *parataxis* (uma batalha campal). Era uma grande honra poder ser o primeiro a defender sua *poli*, segundo afirma Plutarco⁴³.

Vale referir também para que se acreditasse que uma vitória atlética colocaria o vencedor mais perto dos deuses. Esta seria a maior honra para um atleta da antiga Grécia, que também tinha como recompensa ser sustentado pelo Estado (CARTLEDGE, 2002).

Para Jaeger (1995), esta é uma prova de que os espartanos, não poucas vezes, conseguiam unificar e dominar seus pensamentos, sentimentos e ações. Seus pensamentos eram dirigidos para o bem do Estado; seus sentimentos de coragem, prudência, temperança e justiça para consigo mesmo e para com seu povo; suas ações eram reflexos destes outros elementos e seus corpos uma manifestação de beleza. Uma beleza que inspirava a alma de seus concidadãos, para tanto está fundamentada na prática atlética que era considerada uma ferramenta primordial e indispensável.

Assim, em resposta à última questão norteadora, que pergunta: como se deu a hegemonia Espartana nos Jogos Olímpicos no período Arcaico grego? Denota-se que o campeão olímpico não se manifestava pela pessoa em si, mas através da potencialização das virtudes de um cidadão espartano. O olímpico era forjado, não era nascido pronto, ou seja, somente pela sua perseverança e constância podia apropriar-se de diferentes práticas culturais que o tornava diferenciado em relação a outros competidores.

Os resultados, a partir da perspectiva de Chartier (2000), sugerem que estes elementos apresentados no *corpus* das categorias de análise foram apropriados na cultura espartana. Dessa forma, essa apropriação sugere uma interação entre a cultura e o poder. Esta interação fica caracterizada pelas realizações de interesse de grupo (muitas delas associadas às Leis de

⁴³ PLUTARCO. Vidas. *Licurgo*. 22.

Licurgo), ou seja, as práticas culturais mencionadas foram institucionalizadas e agregadas no contexto da *pólis* espartana.

Entende-se o ‘poder’ como manifestação da *Arete*, que no caso específico de Esparta tinha destaque nas excelências: política, bélica, econômica, artística, educacional e humana.

Além das batalhas, era nos Festivais Pan-Helênicos, entre ponto de encontro dos povos helênicos, que os espartanos demonstravam o ‘poder’ de sua ‘cultura’. Suas vitórias demonstram a apropriação das práticas culturais como um diferencial da formação de sua identidade social.

Estas práticas culturais contribuíram sobremaneira para a construção da identidade espartana, em especial no período Arcaico grego. Isto se explica pelo fato de que esta identidade seria posta à prova, no caso do estudo, a cada quatro anos nos Jogos Olímpicos, os quais geravam condições para um confronto simbólico (confronto de identidades) e, até mesmo, instituindo o poder da cultura espartana.

Pensando que a apropriação nos remete a interação entre cultura e poder (CHARTIER, 2000) esse estudo pode abrir outros campos de análise. Em decorrência, prospectam-se futuros projetos que remetam ao surgimento de representações a partir da apropriação das práticas culturais pelos olímpicos espartanos.

Finalmente, deve-se mencionar que algumas dessas considerações ficaram limitadas às fontes pesquisadas. Algumas obras foram importadas e em sua maioria são traduções do grego arcaico para o inglês e espanhol. Dessa forma, seria interessante um aprofundamento desse estudo com algumas fontes primárias em sua língua de origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação Textual:

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 321 p.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo : Martin Claret, 2008. 241 p.

EUSÉBIOS. Disponível em: <www.attalus.org/translate/eusebius2.html> Acesso em: 06 maio 2008.

HERÓDOTO. *História*. Ediouro (Tradução J. Brito Broca), 442 p.

PAUSÂNIAS. *Description of Greece: Book III – Laconia*. Disponível em: <www.perseus.tufts.edu>. Acesso em: agosto 2007.

PAUSÂNIAS. Description of Greece: Book V – Elis I. Disponível em: <www.perseus.tufts.edu> .Acesso em: agosto 2007.

PAUSÂNIAS. Description of Greece: Book VI – Elis II. Disponível em: <www.perseus.tufts.edu>. Acesso em: agosto 2007.

PLATÃO. Timeu, Crítias, o Segundo Alcibíades, Hípias Menor. Belém: Universitária UFPA, 2001. 221 p.

PLATÃO. As Leis, ou da legislação e epinomis. Bauru: Edipro, 1999. 543 p.

PLATÃO. Protágoras. Fortaleza: Eufc, 1986. 147 p.

PLATÃO. República. São Paulo: Martin Claret, 2004. 320 p.

PLUTARCO. Vidas. São Paulo: Editora Cultrix (Tradução Jaime Bruna), 1963. 239 p.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução: Mario da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1999.

XENOFONTE. La republica de los lacedemônios. Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1973.

Bibliografia Instrumental e Específica:

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000. 225 p.

BARROW, Robin. Greek and Roman Education. London: Bristol Classic Press, 1976. 89 p.

BRADFORD, Ernle. Thermopylae: The Battle for the West. New York: Da Capo Press, 2004. 255p.

CARTLEDGE, Paul. História Ilustrada da Grécia Antiga. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 539 p.

CARTLEDGE, Paul. The Spartans: the world of the warrior-heroes in ancient Greece, from utopia to crisis and collapse. New York: Vintage, 2004.

CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 245 p.

COUSINEAU, Phill. O ideal olímpico e o herói de cada dia. São Paulo: Mercuryo, 2004.

DURÁNTEZ, Conrado. Olympia y los juegos olímpicos antiguos. San Blas, España: Comité Olímpico Español, 1975. 2 v. v. 2. 500 p.

FINLEY, Moses. Os gregos antigos. Lisboa: Edições 70, 1988. 179 p.

JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1413 p.

KAGAN, Donald A Guerra do Peloponeso: Novas perspectivas sobre o mais trágico confronto da Grécia Antiga Rio de Janeiro: Record, 2006, 573 pg

MILLER, Stephen. Arete: Greek sports from ancient sources. California: California Press, 1991. 227 p.

MOURA, José Francisco de. Imagens de Esparta: Xenofonte e a Ideologia Oligárquica. (Hélade Suplemento 2). Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, 2000. 141 p.

OLIVA, Pavel. Esparta y sus problemas sociales. 1. ed. Madri: Akal, 1983. 342 p.

PALMA, Rodrigo Freitas. O Direito Espartano. Disponível em: www.unieuro.edu.br/downloads_2005/consilium_02_03.pdf Acesso em: 10 maio 2007.

POLIAKOFF, Michael. Combat sports in the ancient world: competition, violence, and culture. New Have: Yale University, 1988. 202 p.

PRESSFIELD, Steven. Portões de Fogo: Um romance Épico da Batalha das Termópilas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 393 p.

RUBIO, Kátia. O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 225 p.

RUIZ, Diego. El Estado de los Lacedemonios. Disponível em: <http://laberinto.uma.es>. Acesso em 25 setembro 2006.

TOYNBEE, Arnold J. Helenismo: História de uma civilização. São Paulo: Zahar Editores, 1969. 232 p.

TSOULOGIANNIS, I. N.; SPANDIDOS, D. A .Endocrinology in ancient Sparta. Athens: Hellenic Endocrine Society – Hormones, 2007, vol 6; n° 1, pages 80-82.

VIDAL – NAQUET, Pierre. O mundo de Homero. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 139 p.

VRISSIMTZIS, Nikos. Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus, 2002. 125 p.

YALOURIS, Nicolaos. Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga: Olímpia Antiga e os jogos olímpicos. São Paulo: Editora Odysseus, 2004. 333 p.

Contato do Autor:

fabiano.basso@gmail.com

Data de Submissão: 06/10/2011

Data de Aprovação: 25/04/2012